

## INCA assina convênio para ter acesso à plataforma Embase

**A**pós dois anos, o INCA voltou a ter acesso a uma das maiores bases de dados de pesquisas em saúde do mundo, a Embase. A ferramenta digital agrega mais de 8 mil periódicos, ultrapassando 35 milhões de documentos, com foco em conteúdos sobre medicamentos, doenças e dispositivos médicos. No dia 20 de setembro, um simpósio foi organizado com o objetivo de apresentá-la à comunidade e comemorar a conquista.

Antes disso, no início do mês, foi realizado treinamento em dois dias para que interessados aprendessem a utilizar a base e conhecessem dois novos recursos de pesquisa: a busca PICO e a PV Wizard. A primeira gera um formulário que pode ser preenchido pelo pesquisador para investigar relações específicas entre medicamentos, doenças e sintomas. Ela permite uma pesquisa mais específica, com cruzamento de dados e



Foram apresentadas duas novas ferramentas de busca da base de dados

comparações. Com a segunda, é possível monitorar efeitos adversos de medicamentos.

“O processo para renovar o convênio foi árduo, mas foi uma vitória importante. Informação científica é um investimento. No Rio de Janeiro, só o INCA e a Fiocruz têm acesso a essa base. Já tivemos 50 profissionais capacitados para utilizar a ferramenta e queremos capacitar mais pessoas em breve”, afirmou Robson Dias Martins, chefe do Serviço de Bibliotecas do Instituto.

Os computadores do INCA já têm acesso à Embase pelo endereço eletrônico [www.embase.com](http://www.embase.com). Robson destaca que os bibliotecários do HC I e do HC III receberam treinamento e podem ajudar os profissionais que encontrarem dificuldade. Um novo curso de capacitação está previsto para o primeiro semestre de 2019.

## RESULTADOS

### UTI do HC II alcança sólidos indicadores de qualidade assistencial

**C**om seis leitos, a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do HC II se destaca pela uniformidade e refinamento dos processos do serviço. A maior parte dos pacientes chega em estado grave, mas os protocolos assistenciais garantem que, das cerca de 300 pessoas internadas por ano no setor, mais de 75 % recebam alta.

A gravidade dos pacientes é avaliada por meio de pontuações (*scores*), que geram uma estimativa de mortalidade. Chefe da Seção de Terapia Intensiva, Bruno Azevedo da Cruz destaca que, nos últimos três anos, a taxa de mortalidade registrada na UTI do HC II tem se mantido 13% menor que a estimada. Para chegar a esse índice, divide-se a mortalidade observada pelo número anteriormente estimado. O resultado demonstra que o setor tem menos mortes que o esperado, um bom indicador de qualidade assistencial.

“Essa é uma das formas de medir a capacidade técnica do serviço. Chama a atenção também a qualificação do corpo técnico da UTI. Nossos médicos são todos intensivistas titulados pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira, e vários têm mestrado e doutorado. Entre os enfermeiros, temos cinco mestres, uma doutora e um doutorando. Do corpo de técnicos de enfermagem, 80% têm nível superior”, revela Bruno Cruz.

Com 60% de pacientes cirúrgicos, a UTI do HC II tem características bem específicas. Por se tratar de uma unidade assistencial que atende quase exclusivamente pacientes com câncer ginecológico, cerca de 90% das internações na UTI é de mulheres. Além disso, há muitos pacientes no pós-operatório de cirurgias complexas ou com comorbidades, isto é, com mais de uma doença. O chefe da UTI explica que essas especificidades demandam um serviço especializado e que, nesse sentido, a equipe se esforça para trazer um atendimento beira-leito de qualidade, dando atenção à humanização e ao cuidado pleno.



Qualificação do corpo técnico colabora na redução da mortalidade